

Por uma ontologia da mídia¹

Towards an Ontology of Media

Friedrich Kittler

Foi professor de Estética e História da Mídia na Universidade Humbolt de Berlim. Filósofo de formação, elaborou uma inovadora teoria da mídia, a partir do cruzamento entre arte, literatura, ciência e tecnologia, que teve grande impacto para uma geração de novos pesquisadores e artistas na Alemanha e em outros países. Publicou vários livros, entre eles *Aufschreibesysteme 1800/1900* (Fink, 1985), *Grammophon Film Typewriter* (Brinkmann & Bose, 1986), *Musik und Mathematik* (Wilhelm Fink Verlag, 2009), *Philosophien der Literature* (Merve, 2013) e *Mídias ópticas* (Contraponto, 2016).

Tradução

Bárbara Bergamaschi

Doutoranda da Escola de Comunicação da UFRJ e do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Submetido em: 10/06/2018

Aceito em: 05/08/2018

RESUMO

Este artigo aborda a exclusão das *mídias*² técnicas e físicas das questões ligadas à Ontologia. Primeiramente argumenta-se que desde Aristóteles a Ontologia privilegiou a matéria e a forma das coisas, relegando ao segundo plano a relação entre as coisas, o espaço e o tempo. Em segundo lugar, argumenta-se que devido a indistinção entre elementos do discurso falado e as letras alfabéticas nos Gregos, criou-se uma tendência na Filosofia de se negligenciar a escrita

¹ Publicado originalmente em *Theory, Culture & Society*, Vol. 26(2-3), 2009, pp. 23-31.

² No original em inglês *media*. A palavra *media* é central em todo o artigo de Kittler e optamos por traduzi-la como "mídia." Apesar de a palavra "mídia" ser comumente associada aos meios de comunicação, observa-se que a etimologia da palavra *media*, na realidade, tem origem na língua inglesa com base no latim, conforme se anota no Dicionário Houaiss (s.v. mídia): *medius*, a, um "meio; instrumento mediador, elemento intermédio". É nesse sentido original da palavra que, por vezes, Kittler emprega o termo "mídia". Na tradução em português de Portugal os tradutores optaram por usar a palavra *média* em itálico indicando a origem anglófona [N.T.].

como o seu próprio meio³ técnico. Este artigo traça estas tendências através de uma série de fontes filosóficas: de Aquino a Descartes e de Fichte a Hegel. Argumenta-se, a título de resposta, que somente em Heidegger surgirá uma consciência filosófica para os meios técnicos. Hoje as conexões entre matemática e mídia, mídia e Ontologia devem ser formuladas em termos mais precisos.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger; Ontologia; Mídia/Meio.

ABSTRACT

This paper addresses the exclusion of physical and technical media from questions of ontology. It is argued, first, that from Aristotle onwards ontology has dealt with the matter and form of things rather than the relations between things in time and space. Second, it is argued that because the Greeks did not distinguish between speech elements and alphabetic letters there has been a tendency for philosophy to neglect writing as its own technical medium. This paper traces these tendencies through a range of philosophical sources: from Aquinas and Descartes to Fichte and Hegel. It is argued, by way of response, that it is only with Heidegger that a philosophical consciousness for technical media first arose, and that today the connections of mathematics and media, and of media and ontology are to be formulated in more precise terms.

KEYWORDS: Heidegger; Ontology; Media.

A dúvida de se a mídia pode ser pensada nos termos da Ontologia Europeia é tanto crucial quanto difícil. Existem, por muito boas razões, diversas teorias tecnológicas ou matemáticas a respeito dos meios de comunicação, até mesmo - como em McLuhan ou Walter J. Ong - algumas silenciosamente teológicas. A Ontologia, de toda forma, segundo a definição da *Metafísica* de Aristóteles, foi hostil desde seu princípio à mídia, seja ela física ou técnica. Mais do que quaisquer outros teóricos, os filósofos se esqueceram de perguntar qual mídia sustentava a sua própria prática. Dessa forma, somente com o auxílio de Heidegger foi possível ter a esperança do desenvolvimento de algo que se assemelhe a uma Ontologia das mídias técnicas.

Começo por assumir que a Filosofia (ou, nos termos de Heidegger, a *Metafísica* Europeia) foi necessariamente incapaz de conceber a mídia enquanto mídia. Esta negligência se inicia com Aristóteles: primeiro, pois sua Ontologia lida apenas com as coisas, sua matéria e forma, mas não com as relações entre as coisas no tempo e no espaço. O conceito mesmo de um meio (físico) (*tò metaxú*) é relegado à sua teoria da percepção sensorial (*aisthesis*). Segundo,

³ No original em inglês *medium*, optamos por traduzir a palavra, nesses casos, como “meio” [N.T.].

porque, como os gregos não distinguem entre o discurso articulado da fala e as letras alfabéticas articuladas, o conceito mesmo da escrita como meio (técnico) próprio à Filosofia está ausente desde Aristóteles.

Darei continuidade ao argumento com uma curta história desta negligência filosófica, passando por Tomás de Aquino e Descartes, Fichte e Hegel, de forma a demonstrar que apenas em Heidegger, quanto este transformou a filosofia em "pensamento" é que surgirá uma crescente conscientização da mídia técnica. Primeiramente, o *Ser e Tempo* já tematizava a inconspicuidade da mídia cotidiana, tais como os óculos ou os telefones; em segundo lugar, porque, nos anos de 1930, Heidegger descreveu os meios de comunicação de massa, como o rádio, não mais de forma existencial mas sim em termos históricos; em terceiro, porque, após a Segunda Guerra Mundial, Heidegger conceituou o nascimento dos computadores como o fim fatídico da filosofia. Este fim, entretanto, na esteira de Heidegger, torna ainda mais necessário postular (em termos do *Seinsgeschichte*, a História do Ser) a questão do porquê da Lógica Filosófica - tal como foi inventada por Aristóteles- ter desembocado finalmente em sua mecanização por Turing, Shannon e outros.

Cinquenta anos após Heidegger, penso que esta questão deve ser tomada em termos mais precisos. O papel central da matemática na história da mídia não pode mais ser mal interpretado como um erro platônico. Muito pelo contrário, a aritmética grega desempenhou papel fundamental tanto quanto os conceitos do Ser e da Ontologia na fundação de uma época na qual um meio universal de números binários é capaz de, pela segunda vez na história, codificar, transmitir, e armazenar o que quer que ocorra, desde a escrita, a enumeração, a imagética ou a acústica.

I

No caso de Aristóteles, a ausência da mídia é quase óbvia. Suscitar a questão ontológica de como e de quantas maneiras podemos falar do *ser enquanto ser* equivale a fornecer uma resposta sobre o Ser no seu sentido mais completo, no seu duplo sentido de *eîdos e húle*, forma e matéria. Certamente, podemos postular outras questões, tais como: se uma coisa é preta ou

branca, *onde* ela é e *quando* ela se dá. Entretanto, todas essas categorias, como Aristóteles as nomeia, são secundárias em relação à forma e à matéria. Para fornecer apenas dois proeminentes exemplos retirados dos 12 volumes de livros que, infelizmente, foram nomeados sob o título *Metafísica*: somente se e quando o bronze fundido, graças a um artista talentoso, toma a forma concreta de um deus ou deusa – de forma a honrá-los – é que um novo ser nomeado 'escultura' pode vir a existir. Apenas quando o sêmen masculino, repleto de informação formal, se mistura com o sangue menstrual amorfo é que um novo indivíduo pode nascer na espécie humana. Assim, embora para cada ser no mundo quatro causas⁴ – da *eficiente* à *final* – sejam necessárias e suficientes, as causas *formal* e *material* figuram como as duas mais importantes.

'Caro Claude', é como se inicia a carta escrita em 1971 por Marshall McLuhan para o presidente de sua universidade:

no domingo fiz a maior descoberta de minha vida. Ela se deu enquanto eu estava trabalhando no prefácio do livro *'Empire and Communications'* de Innis's⁵ o qual a Editora da Universidade de Toronto está publicando (novamente). Dizendo em poucas palavras a descoberta é a seguinte: por 2500 anos os filósofos do Ocidente excluíram toda tecnologia da questão forma-matéria no tratamento enteléquico. Innis gastou a maior parte de sua vida tentando explicar como a cultura grega foi destruída pela escrita e quais foram seus efeitos na tradição oral. Innis também dedicou maior parte de sua vida tentando chamar a atenção para as consequências sociais e físicas das tecnologias. Não ocorreu a ele que nossa filosofia sistematicamente excluiu a *techné* de suas mediações. Apenas formas de vida naturais foram classificadas como hilemórficas. (McLuhan, Molinaro, McLuhan, Toye 1987, p. 429)

Portanto, é possível ver, ou melhor, ouvir⁶, como as maiores descobertas dos grandes historiadores da mídia são propensas a erros. A interpretação de McLuhan da *Metafísica* de Aristóteles vira seu verdadeiro significado de cabeça para baixo. Temos boas razões para supor

4 Neste trecho, Kittler se refere às quatro causas de Aristóteles: 1) Causa Formal, 2) Causa Material, 3) Causa Eficiente, 4) Causa Final [N.T.].

5 Trata-se do livro *Empire and Communications* de Harold Adams Innis (1894- 1952) publicado em 1950 e ainda não traduzido no Brasil. O livro é baseado em seis aulas dadas por Innis na Universidade de Oxford em 1948. Harold A. Innis é um dos mais destacados pensadores do Canadá, referência nas áreas de Comunicação e Política Econômica, foi professor da Universidade de Toronto ao lado de Marshall McLuhan, que além de colega universitário, se considerava um de seus discípulos intelectuais. No Brasil, a editora Vozes publicou de sua autoria o livro "O viés da comunicação" (2011) [N.T.].

6 "As, you can see or rather hear" no original em inglês, se refere ao fato do artigo ter sido originalmente escrito para ser lido em voz alta para um público em palestra [N.T.].

que, justamente ao contrário, a forma e a matéria são categorias decorrentes originalmente de coisas técnicas, e, mais ou menos forçosamente, transferidas para as coisas naturais.

Em *A Origem da Obra de Arte*, Heidegger argumenta com grande plausibilidade que a forma e a matéria se apresentam muito mais evidentemente para nós nas esculturas do que em pedras e árvores. Este fato, todavia, transforma o curioso erro filológico de McLuhan em uma verdade histórica. É precisamente devido à oposição entre forma e matéria derivar da tecnologia, e não das formas de vida natural, que a Ontologia sistematicamente excluiu as tecnologias das mídias de seu domínio. A unidade (“togetherness”) e a concrecência (“concrecence”) dessas duas categorias em uma única e mesma coisa presente suprime toda distância, ausência e negação de sua entelúquia. O Ser, seja ele técnico ou natural, foi pensado por 2500 anos (para concordar com Heidegger) em termos metafísicos de presença e “estar-aqui” (“hereness”), *entelécheia* e *ousía*, e não em suas muitas formas opostas tais como, passado e futuro, armazenamento e transmissão.

Entretanto, por mais surpreendente que possa parecer, a mídia existia para Aristóteles. Não como parte de sua Ontologia, mas como parte de sua teoria sobre o homem psicofísico. De maneira ainda mais explícita em seu livro *Sobres os Sentidos* do que no *Sobre a Alma*⁷ a percepção deve pressupor o meio ou elementos físicos de forma a realizar uma conexão entre a atualidade do ser-forma/matéria percebido à alma do animal que percebe. Aristóteles contradiz fortemente seus predecessores atomistas segundo os quais pequenas imagens imperceptíveis ou *eidola* se separam de um dado objeto, viajando sem encontrar nenhuma resistência através do *tò kenón*, o vácuo, espaço vazio, para assim finalmente ir de encontro aos nossos olhos e ouvidos. Não - diz o filósofo cujo pai foi, não por acaso, o físico de um grande rei. No caso da escuta, é preciso algum ar entre o objeto e o tímpano, assim como entre o tímpano e a cóclea. No caso da visão, as condições são ainda mais complexas: entre a coisa e a íris humana - cujo belo nome aristotélico, diga-se de passagem, é “noiva” (“bride”) - deve haver ar, enquanto entre a íris e a retina deve haver água. Desde Empédocles, fogo e água, ar e terra, tem sido as quatro raízes divinas as quais Afrodite mistura sensualmente para formar nosso harmônico cosmo. Desde Leucipo e Demócrito, os atomistas gregos, este quarteto é também

7 Obras localizadas dentro corpus bibliográfico aristotélico da Psicologia, em particular na coleção “Parva Naturalia”, composta por sete obras elaboradas por Aristóteles sobre o corpo e a alma. O livro *Sobre a alma* aparece também intitulado como “Da alma”, “Sobre os sentidos” também aparece intitulado como “Da sensação e dos sentidos” [N.T.].

um quarteto de letras ou elementos. Aristóteles, entretanto, disserta sobre dois elementos, sendo eles o ar e a água, como os dois “entre”. Em outras palavras, ele é o primeiro a transformar uma preposição comum Grega – *metaxú*, “entre” – em um substantivo ou conceito filosófico: *tò metaxú*, “o meio”. “No meio” de uma ausência e de uma presença, da distância e da proximidade, do ser e da alma, não existe mais o nada, mas sim uma relação midiática. *Es gibt Medien*, poderíamos dizer, como na tardia leitura de Heidegger do *Ser e Tempo*. Portanto, ao invés de cobrir Aristóteles com ironia e culpa infrutífera, McLuhan deveria ter agradecido o maior cunhador de palavras grego por sua mensagem de que há mídia, ao menos nas expressões naturais e físicas.

Inversamente, a declaração do canadense segundo a qual “o meio é a mensagem” teria sido impensável para Aristóteles pela simples razão de que praticamente nenhum grego, à exceção dele mesmo, conseguiria traçar nenhuma distinção entre os sons orais e sua representação escrita. Tão profundamente enraizado na cultura grega estava a singular identidade entre poesia, música e o primeiro e único alfabeto vocálico que abriu os olhos dos atomistas para as quatro letras, ou elementos, que constituiriam o cosmo. Até a distinção de Aristóteles entre o fonema e o grafema, a voz e a escrita, foi traçada justo quando ele escrevia que os discursos sonoros são signos dos seres, enquanto as letras escritas são apenas signos secundários daqueles sons primeiros. Destarte, a metafísica – como Derrida justamente, apesar de muito genericamente, ressaltou - já esquecia a mídia técnica, ao escrever a si mesma em um livro, sua própria precondição.

II

Seria uma longa e dolorosa estória escavar essa estranha e louca coincidência entre o esquecimento e a mudança tecnológica em todos seus detalhes históricos. Basta, por um momento, preferir o autoproclamado seguidor de Harold Adam Innis, McLuhan, e indicar algumas transformações memoráveis que alteraram, de uma só vez, a produção de livros e das ontologias. Pode-se classificar essa questão como trivial e disparatada, mas nenhum dos filósofos se dirigiu a ela, nem mesmo Derrida, seu autodesignado desconstrutor, a postulou. Ao

contrário de iluminadores, pintores, cientistas, historiadores e poetas, os pensadores tendem a esquecer suas próprias mídias. A ausência de mídia na Ontologia poderia muito bem ser sua mais profunda (nesse sentido a mais elementar) *raison d'être*. Fornecerei alguns exemplos.

Antigos filósofos, dos pré-socráticos a Aristóteles e seus vulgarizadores no Latim, costumavam rabiscar letras alfabéticas em rolos de papiros. Leitores deveriam abrir esses denominados *volumina* com sua mão direita, ler o texto em voz alta, e enrolar a matéria de leitura de volta com sua mão esquerda pra formar novamente uma mídia de arquivamento concisa. Na era clássica, todo ser pensante, à exceção do velho proletário Sócrates, sabia ler e escrever, e isto era razão suficiente para ensinar e estudar. A palavra grega *lógos* possuía um intrínseco duplo-sentido: significava que todas as razões apresentadas eram equivalentes às causas (“grounds”) na natureza sobre as quais nos referimos. Foi somente quando a língua latina fatalmente falhou em dar conta desta ambiguidade grega que o primeiro sentido de *lógos* se converteu em *oratio* e seu segundo sentido em *ratio*. Pode-se afirmar que Roma introduziu, apesar de não ter conceituado, a primeira distinção entre a mídia técnica e a física. Isso provavelmente explica a razão para a dualidade aristotélica da *phônê* e da *lógos*, voz e discurso, significante e significado, ter sido suplantada pela tardia trindade helenística: Crísipo, o Estóico, distingue não somente *tà semáintonta* de *tà semainónem*, o significante do significado, mas também toda a mediação matéria/forma da *tà túnchana* – os eventos contingências mudos que *Tique* (a fortuna) adora fazer acontecer. (D. L. VII 62). Pela primeira vez na nossa história, a linguagem não parecia mais coextensiva ao Ser, discurso e texto como meras mídias perdem seu sustento em tudo que existe.

Não obstante este heroísmo estóico, as práticas de leitura dos antigos volumes não sofreram grandes mudanças em Roma. Desde que todos os pensamentos dependessem, mesmo que de forma inconfessa, de Homero e dos poetas, não havia nenhuma necessidade de se fazer comparações entre este ou aquele livro. Apenas quando uma heresia criminosa (a cristã) obteve sucesso em subverter completamente Roma é que a mudança da tecnologia do livro se tornou uma urgente demanda. Recaiu sobre os pais/escritores do cristianismo tais como Santo Agostinho o desafio inédito de comparar três tradições diferentes e conflituosas de livros: uma

tarefa tão medonha, impossível e idiota que – mesmo antecipando o que na atualidade temos de fazer – Afrodite me poupou desta tarefa amarga⁸.

Santo Agostinho, de forma a reconciliar (ou refutar) através de seus próprios livros os muitos e contraditórios volumes de Homero, Moisés e os dos Apóstolos, tinha uma grande vantagem midiática sobre os ditos pagãos. Os escritores cristãos estiveram entre os primeiros a trocar os volumes de papiros pelos livros de pergaminhos encadernados. Essa mudança na tecnologia da mídia permitiu que comparações e concordâncias simultâneas entre diferentes fontes de livros fossem muito facilitadas. Teve efeitos sistemáticos não apenas na forma da filosofia, como também no seu conteúdo. Enquanto os doxógrafos gregos discutiam os filósofos antes de seu tempo em uma ordem cronológica simples – por exemplo de Sócrates a Xenofante e de Platão até Aristóteles –, os pensadores escolásticos como Tomas de Aquino tinham acesso a uma vasta e ampla gama de livros. Assim, para colocar cada problemática em questão em sua *'Summa theologiae'*, Aquino se referia às frases bíblicas, definições Aristotélicas e às minúcias patrísticas antes de tomar sua decisão.

Obviamente, a famosa prensa de Gutemberg pôs um fim a toda essa polifonia do raciocínio, que era feita até então pela escrita à mão. Graças à imprensa, e à composição tipográfica, livros se tornaram mais e mais vernaculares, e isto significava mais e mais nacionais, de forma que René Descartes pode dar início a uma completa nova forma de Ontologia. Ele escreveu a maior parte de seus livros em francês mas os publicou, por boas razões políticas, nos protestantes Países Baixos. Ele se esqueceu – ou ao menos fingiu se esquecer - de todas as escolas, autores e autoridades tradicionais, de forma a se colocar como um autor no sentido moderno. Seu famoso ego, enquanto pensante, era apenas um corpo solitário sentado diante do fogo, abastecido por tinta, caneta e muitas páginas de papel em branco. Os únicos argumentos que Descartes aceitaria para a razão ser ímpar, clara e nítida (estranhamente ou talvez evidentemente demais) eram as operações e operandos da álgebra moderna, ou seja, as 26 letras do alfabeto e suas desfigurações (*defigurations*). matemáticas

⁸ No original em inglês: "*Aphrodite has spared me its bitter cup*". Trata-se de uma referência ao Copo de Nestor, um artefato arqueológico datado de 730 A.C, encontrado túmulo de um efebo na ilha de Ísquia. Este objeto possui inscrições de citações da *Ilíada* e da *Odisséia* em especial o trecho "(...) o desejo da Afrodite lindamente coroada". Ela comprova que um cantor ou escritor teve acesso aos versos legíveis das duas obras que já circulavam no século 8 A.C. Kittler se refere a este artefato no artigo "O Alfabeto dos Gregos sobre a arqueologia da escrita" publicado no livro *A verdade do Mundo Técnico: Ensaio sobre a genealogia da atualidade* pela editora Contraponto (2017) [N.T.].

tais como o mais e o menos, o sinal da raiz quadrada e assim por diante. Em outras palavras: a Ontologia se tornou novamente – quase como nos pitagóricos gregos – um ramo da álgebra elementar.

Como chegou a nosso conhecimento por Michel Foucault, este método cartesiano era capaz de trazer todo ser ou informação para dentro do universo cosmológico moderno – com a exceção do próprio homem. Quando Immanuel Kant deu aos seus discípulos alemães a nova ordem de colocar seu ego transcendental no meio da Ontologia, esta não foi uma tarefa fácil. As leituras universitárias de Fichte, por exemplo, roubavam dos estudantes os tradicionais livros didáticos os quais os filósofos haviam usado para comentar ou interpretar desde os tempos de São Tomás de Aquino. Contrariamente, a cada semana daquele verão, Fichte escreveu um capítulo da sua obra-prima, que ele primeiro lia para seus alunos e apenas posteriormente publicava para o público geral em pequenas cópias impressas. Dessa maneira, Fichte pôde simplesmente não predizer ou prever a conclusão final filosófica que suas aulas alcançariam no final do longo verão de 1794. De certa forma, poderíamos portanto afirmar que o idealismo germânico já antecipava não apenas a nova liberdade acadêmica de Humboldt, mas também os mais famosos fragmentos filosóficos tardios de Nietzsche.

Deixemos que eu termine este esboço da história da mídia na Ontologia. Espero que tenham se dado conta de que a filosofia, apesar de tempos em tempos ter lidado com a mídia física ou elementos tais como éter, luz e água, negligenciou completamente sua própria mídia técnica desde os antigos volumes até os modernos *bestsellers*. Assim sendo, está na hora de passarmos à revolução nomeada *Ser e Tempo*. Como muitos devem saber, em 1927 o jovem Heidegger anunciou a “destruição da metafísica” como tal. Isso se mostrou equivalente a provar que a presença não era o atributo ontológico mais nobre. Muito pelo contrário, os seres, tais como nós mesmos, se distinguem um dos outros pela dupla ausência de futuro e passado. A distância provou-se ser uma característica proeminente do nosso “ser-no-mundo”. A matéria, a título de exemplo: o couro dos nossos sapatos feitos artesanalmente, não é apenas uma matéria aristotélica, mas desde já e sempre se relacionará com os animais mortos, e por conseguinte com a natureza em geral. As formas, por exemplo, de um martelo de ferro, tem o formato adequado às nossas mãos e a seu trabalho futuro. O espaço em geral e o lugar em particular não são, de forma alguma, apenas coordenadas abstratas cartesianas, mas se relacionam com nosso caminhar e ver, nosso falar e ouvir. Assim, por exemplo, um amigo do

qual Heidegger se aproxima na rua está muito mais próximo de um míope do que, não apenas do asfalto, mas também dos óculos em seu nariz. Quando Heidegger liga para Hannah Arendt no telefone, sua voz querida se aproxima muito mais do que o aparelho telefone mesmo. E, finalmente, o homem moderno se tornou um consumidor de novidades no rádio que o distrai com notícias mundiais de sua autenticidade existencial.

Nos primeiros dois exemplos, como é possível observar, os óculos e o telefone respondem ao *tête-a-tête* dos olhos e orelhas de Aristóteles. A mídia técnica substituiu as mídias psicofísicas. Na sua ponta final ou na sua destruição, a Ontologia se converte em uma Ontologia das distâncias, transmissões e mídia. No terceiro exemplo, isto é ainda mais marcante. O Rádio ou '*Rundfunk*', como Heidegger e todo alemão da época o chamava, foi explicitamente introduzido como uma invenção recente cujos meios "a tendência existencial do homem para 'des-distanciar'", para diminuir as distâncias, havia sido historicamente implementada.

Esta conclusão é obviamente incorreta. Não digo que Heidegger deveria ter atribuído a invenção do rádio à Heinrich Hertz e Guglielmo Marconi; ele simplesmente não deveria tê-la atribuído ao homem. É esta a razão para que, apenas dez anos depois, Heidegger fale a respeito dos aviões e transmissores de rádio como uma mídia técnica característica da nossa época Cartesiana. Trinta anos mais tarde, ele se deu conta que as modernas ferramentas das máquinas e, acima de tudo, os computadores do pós-guerra não poderiam ser pensados mais como objetos externos e extensivos nos quais o sujeito imaterial cartesiano representa a si mesmo. Pelo contrário, a tecnologia computacional, por um lado, e o homem, por outro, estão inseparavelmente ligados por um ciclo de *feedback* sem fim, e pela essência da tecnologia: o perigo ele mesmo. Na medida em que a lógica Aristotélica não é mais um dever do professor, mas sim implementada por computadores digitais, a filosofia como tal chegou ao seu fim histórico; ao mesmo tempo, todavia, a aurora ou a tarefa de se pensar mal começou. Heidegger nos demanda, em simples palavras, repensar, pela primeira vez a história da mídia da Europa como tal, e isso no exato momento em que o pensamento europeu desaparece devido à sua expansão global. A recursividade deve se iniciar com os primeiros poetas-pensadores gregos, passando pela distinção fatal de Aristóteles entre física e lógica, e se guiar para nosso mais recente maquinário lógico e aritmético. É precisamente isso que, até agora, tentei esboçar em termos não muito heideggerianos.

Permitam-me concluir essa tarefa fazendo mais duas observações críticas que, provavelmente, marcam apenas a distância histórica do Heidegger de 1964 e o de 2009. Primeiramente e, penso, de forma bastante errônea, Heidegger imputou a introdução da matemática na Ontologia à Platão, quem, na realidade, foi um fomentador de sua duradoura separação. Ao descrever a “História do Ser” como uma seqüência de pensadores históricos e apenas eles, Heidegger negligenciou as cruciais inovações que ocorriam de forma paralela e simultânea na Matemática. Teria sido nitidamente viável, embora muito extenso, correlacionar, por exemplo, a Metafísica Platônica com seu grande precursor, a teoria Pitagórica dos números naturais, ou correlacionar questões numerais escolásticas e seus livros com a introdução contemporânea dos números indo-arábicos. Finalmente, os casos de Descartes e Leibniz são os mais reveladores. Ambos transformaram suas novas matemáticas em respectivas novas ontologias e vice-versa. A mídia técnica, falando em termos gerais, é apenas o lado visível de uma lua cujo lado escuro⁹ seria a Matemática e a Física, a omissão heideggeriana dessa omissão seria bastante útil para atingirmos nosso objetivo comum.

Em segundo lugar, o sonho vitalício de Heidegger de destruir a oposição binária entre forma e matéria teria sido facilitado se ele tivesse contado com o auxílio da matemática e da ciência computacional. Certamente, a matéria ainda importa¹⁰ e a forma continua viva em palavras como “informação”. Mas se uma ontologia da mídia deseja estar informada do estado técnico da arte, ela deve saber como ler plantas baixas, *layouts*, *design* de placas-mães¹¹, mapas rodoviários industriais, e assim por diante, de forma a aprender suas próprias categorias desde o rascunho de base, nomeadamente do *hardware* de alta tecnologia (*high-tech*). Dado o fato que a dita arquitetura de von Neumann ser, provavelmente não a mais perfeita, mas hoje em dia o padrão (*standard*), vemos cadastros, *busses*¹² e acesso à memória

9 No original em inglês: *dark side of the moon*, uma referência direta ao álbum de título homonímico da banda de rock inglesa, Pink Floyd. O autor escreveu diversos artigos nos quais denota sua preferência por esse gênero musical, em especial as bandas The Doors, Jimi Hendrix e Pink Floyd. Para mais ver: “O rock – o uso indevido de um equipamento militar” publicado no livro *A verdade do mundo técnico: ensaios sobre a genealogia da atualidade*, publicado pela editora Contraponto (2017) [N.T.].

10 O autor faz um jogo de palavras no original em inglês: *matter still matters*. No caso, a tradução em português perde esse toque espirituoso do autor [N.T.].

11 No original em inglês: *mainboard design*, também denominada *motherboard*. Kittler trata da história do desenvolvimento da placa-mãe no artigo “Software não existe”, também presente na coletânea *A verdade do mundo técnico: ensaios sobre a genealogia da atualidade*, publicado pela editora Contraponto (2017) [N.T.].

12 *Busses* é o plural da palavra *Bus*, um termo em inglês utilizado na linguagem de programação de computadores. Traduzindo para o português como “Barramento” se trata de um conjunto de linhas de comunicação que

aleatória. Estruturalmente, os *bits* armazenados em registros performam operações lógicas e cálculos aritméticos, os múltiplos *busses* transportam comandos, dados e endereços, enquanto o RAM fornece espaço de armazenamento para comandos, endereços e dados. Ademais, esta arquitetura tríplice é, claramente, um *feedback* em *loop* que se repete em várias dimensões fractais, de nanômetros a milímetros até camadas visíveis com as quais nós, como usuários, podemos interagir. Comandos, endereços e dados, ou seja, procedimentos, transmissões e memórias, todavia, podem ter sido reconfigurados não apenas nas arquiteturas dos computadores mas em toda recursividade histórica da mídia técnica. Bibliotecas são mídias de armazenamento destinadas às mídias de armazenamento chamados livros. Os cabos dos telégrafos têm sido, desde a Guerra Civil Americana, mídias de transmissão para comandos militares. Um fundamental processamento de dados esteve em jogo sempre que o pensamento ontológico ou a escrita matemática alteraram o curso da história cultural. Ao invés de continuar sujeitando humanos, seres e máquinas à dicotomia da forma e da matéria, nos poderíamos aprender a aplicar, ao menos pelo tempo presente, essa nova trindade feita de comandos, endereços e dados. Seria uma Ontologia da mídia sob a dupla condição do estado sólido do silicone e a arquitetura de von Neumann os quais são, como todos devem saber, intrinsecamente interligados.

"Chegará o dia em que a sagrada Tróia terá sido destruída", era um dos famosos ditos de Heitor na *Ilíada* de Homero. Não podemos prever, mas apenas sombriamente vislumbrar a noite desse incêndio. Talvez uma nova aurora rósea desperte e realize o sonho mais querido dos físicos do estado sólido: computadores baseados em estados quânticos minúsculos e paralelos, ao invés de enormes conexões seriais de silício. Então eu, ou melhor, meus sucessores, retiraremos este artigo.

Referências bibliográficas

MCLUHAN, Marshall, MOLINARO, Matie, MCLUHAN, Corinne, TOYE, William. *Letters of Marshall McLuhan*. Oxford, GB: Oxford University Press, 1987.

transmitem as informações entre o processador (CPU), memória e todos os demais periféricos do computador. Os barramentos podem ser chamados também de: Interfaces, Portas, Conectores, Slots, entre outros. Alguns exemplos mais comum de *busses* são: USB, VGA, HDMI e Firewire [N.T.].

